

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

**Pablo Rus Broseta** direcção musical

20 Nov 2020 · 19:30 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Pablo Rus Broseta sobre o programa do concerto.  
VIMEO.COM/480482225

MECENAS CICLO  
RITO DA PRIMAVERA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION



## **Brett Dean**

Sinfonia Pastoral (2000; c.17min)\*

## **Ludwig van Beethoven**

Sinfonia n.º 6 em Fá maior, op. 68, "Pastoral" (1808; c.45min)

1. *Despertar de sentimentos alegres ao chegar ao campo. Allegro ma non troppo*
2. *Cena à beira de um ribeiro. Andante molto mosso*
3. *Alegre reunião de camponeses. Allegro —*
4. *Temporal, tempestade. Allegro —*
5. *Canto pastoral: sentimentos de alegria e gratidão após a tempestade. Allegretto*

\*Estreia em Portugal

## Brett Dean

BRISBANE (AUSTRÁLIA), 23 DE OUTUBRO DE 1961

Brett Dean estudou música na Austrália e mudou-se para a Alemanha em 1985, tornando-se membro da Orquestra Filarmónica de Berlim como violetista. A par da carreira orquestral, tocou como solista apresentando numerosas obras em estreia mundial. Começou a compor em 1988, dedicando-se inicialmente à escrita de arranjos e à improvisação para projectos australianos de rádio e cinema. O seu prestígio como compositor fixou-se com o bailado *One of a Kind* (Nederlands Dans Theater, com coreografia de Jiri Kylian), apresentado por todo o mundo, e com o concerto para clarinete *Ariel's Music*, que conquistou um prémio do UNESCO International Rostrum of Composers. Compôs várias obras a partir de pinturas de Heather Betts. Vive entre a Austrália e Berlim desde 2000, e a sua música tem sido tocada por figuras de topo como Sir Simon Rattle, Markus Stenz, Simone Young, Frank Peter Zimmermann e Daniel Harding. Algumas das suas obras mais importantes são: *Carlo* (1997) para cordas, sampler e fita, *Beggars and Angels* (1999) para grande orquestra, *The Lost Art of Letter Writing* (2006) para violino e orquestra e a ópera em dois actos *Hamlet* (2013-16).

### Sinfonia Pastoral

A famosa Sinfonia “Pastoral” de Beethoven, de 1808, é apenas uma entre as inúmeras existentes no cânone ocidental, grandes e pequenas, nas quais os compositores celebraram a beleza e o drama da natureza. Basta-nos ensaiar uma curta lista (*Truta* de Schubert, *Hébridas* de Mendelssohn, *Moldau* de Smetana, *Danúbio Azul* de Strauss, *Carnaval* de Saint-Saëns...)

para termos uma noção da abundância e da diversidade das odes à natureza na música clássica. Mais recentemente, Olivier Messiaen fez provavelmente mais do que qualquer outro compositor para nos chamar a atenção para os maiores cantores do planeta, os pássaros.

De regresso à Austrália depois de 15 anos na Alemanha, estou vivamente consciente da incrível fonte de alegria e beleza, para não dizer dos recursos inventivos, que se pode encontrar apenas ao abrir a janela e os ouvidos. Não me surpreende nada tomar conhecimento do absoluto fascínio de Messiaen pelo Antípoda e encontrar pica-peixes australianos e pegadas surgirem abundantemente nas suas partituras.

Ao desejar celebrar nos nossos dias esta maravilhosa abundância de tesouros, eu, pelo menos, considero cada vez mais difícil separar o meu amor pelos sons do mundo natural de um imenso e crescente sentimento de perda. Veja-se a nossa fúria implacável e desrespeitosa através das florestas e zonas selvagens do mundo, tudo em nome de mais comércio, auto-estradas, parques de estacionamento e comodidades. Estes temas, tristemente, são parte do quotidiano na Austrália. É claro que todos “amamos” a natureza, mas o que amamos ainda mais é todo o aparato da vida moderna... certamente mais do que o desejo de parar e rejubilar em honra de um único açougueiro, talvez o som mais mágico que se pode encontrar em todo o continente australiano. Esta peça, portanto, é sobre o glorioso canto dos pássaros, a ameaça que enfrenta, a perda e o ruído sem alma que nos restará quando todos eles tiverem desaparecido.

BRETT DEAN, 2000

Tradução: Fernando P. Lima

# Ludwig van Beethoven

BONA, 16 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

## Sinfonia n.º 6 em Fá maior, op. 68, “Pastoral”

Nos esboços daquela que viria a ser a sua 6.<sup>a</sup> Sinfonia, Ludwig van Beethoven deixou escritas frases desconexas, como:

“É deixado ao ouvinte descobrir por si mesmo as situações.”

“Uma Sinfonia Característica — ou lembrança da vida campestre.”

“Tudo pintura sonora, se for forçado demais em música instrumental, perde o valor.”

“Sinfonia Pastorella. Quem quer que tenha a mínima ideia da vida campestre pode entender quais são as intenções do autor sem um punhado de títulos descritivos.”

“Qualquer pessoa reconhecerá também, sem descrição, que toda a obra é mais matéria de sentimento do que de pintura sonora.”

A sinfonia foi escrita em 1808, imediatamente após a conclusão da Quinta, e com ela conjuntamente estreada em 22 de Dezembro desse ano no Theater an der Wien. O anúncio publicado no Wiener Zeitung refere erradamente a 6.<sup>a</sup> Sinfonia como 5.<sup>a</sup> e indica para ela o título “Uma Recordação da Vida no Campo”, entretanto abandonado. A estrutura externa da sinfonia segue a ordem de andamentos habitual no período Clássico, com uma exceção: existe um andamento extra (IV) que essencialmente funciona como transição entre o *Scherzo* (III) e o *Finale* (V). A obra implicava, contudo, associações extra-musicais pretendidas claramente pelo compositor, que intitulou cada andamento com referências peculiares: I. *Despertar de sentimentos alegres ao*

*chegar ao campo*; II. *Cena à beira de um ribeiro*; III. *Alegre reunião de camponeses*; IV. *Temporal, tempestade*; V. *Canto pastoral: sentimentos de alegria e gratidão após a tempestade*.

Tal como as anotações de Beethoven permitem ajuizar, as sugestões extramusicais restringem-se à evocação de impressões campestres, sublinhada por alguns detalhes musicais de teor mais pictórico ou textural: o murmúrio de um ribeiro, a música dos camponeses, o canto de pássaros, uma tempestade. Nesse sentido, a “Pastoral” está portanto também longe de poder representar uma sinfonia programática. Não o sendo, a obra foi no entanto um antecedente fundamental para os desenvolvimentos posteriores nesse sentido, não só pelas sugestões imagéticas e emocionais, mas sobretudo por convidar a uma ligação narrativa implícita desde o andamento em que se retrata o convívio dos camponeses até ao final. De resto, já a 5.<sup>a</sup> Sinfonia tinha dado a espreitar uma possibilidade semelhante através da engenhosa e arrebatadora transição para o triunfante quarto andamento. Aqui reside possivelmente a semente a partir da qual se desenvolveria tanto uma visão quase programática da sinfonia (com Berlioz a poucos anos de escrever a *Sinfonia Fantástica*) como, também, a tradição de deslocar o centro de gravidade emocional da sinfonia romântica para o final, que Mahler soube exemplificar de forma tão consistente.

Uma outra característica distintiva desta sinfonia em relação ao restante cânone beethoveniano é especialmente notória nos andamentos inicial e final: Beethoven logra um efeito evocativo discreto mas essencial através da repetição desapressada e prolongada de motivos serenos (como que mimetizando as repetições cíclicas da natureza), de tal forma que providencia uma superfície estática, focando a

atenção do ouvinte em variações de harmonia, textura e colorido tímbrico. A tudo isto acresce, no primeiro andamento, o contributo de muitas notas pedais e de uma secção de desenvolvimento sem grandes tensões harmónicas. No segundo andamento, o ribeiro é retratado de forma simples e elegante na figuração de acompanhamento, por cima da qual a melodia dificilmente poderia ser mais depurada. Na coda, flauta, oboé e clarinete juntam-se fazendo delicadas imitações do canto de pássaros, que o compositor discrimina na partitura: rouxinol, codorniz e cuco. O terceiro andamento espelha música dançante de carácter popular, incluindo ainda alguns sedutores detalhes de diálogo entre as madeiras. A tempestade chega depois de uma introdução que se camufla com a do andamento anterior. O efeito da orquestração é devastador: em compensação da serenidade inicial da sinfonia, na tempestade entram pela primeira vez os trombones e o flautim, enquanto os tímpanos sublinham o drama e a intensidade sonora de uma violenta tempestade, reforçados por efeitos de *tremolo* de arco nos naipes de cordas, golpes de unísono orquestral furiosamente exclamados em catadupa, linhas cromáticas a varrer a textura... até que, em breve, chega o último andamento. Nesse instante, quase podemos ver a paisagem clarear através da harmonia mais perfeitamente adequada ao cenário, que se abre para dar lugar a um tema (com expressão aparentada à do tema inicial do primeiro andamento), sujeito a variações sucessivamente mais luminosas, que conduzirão a peça ao seu termo. Sem sombras de tempestade — apenas em comunhão com o pulsar do tempo.

PEDRO ALMEIDA, 2015

## Pablo Rus Broseta direção musical

Director Musical da Orquestra Sinfónica de Jovens de Valência, Pablo Rus Broseta tem vindo a construir um repertório abrangente, desde Händel a John Adams, com especial interesse nas grandes composições sinfónicas.

Na temporada 2019/20, estreou-se com as Sinfónicas de Barcelona e Bilkent, tendo regressado ao Ensemble Modern e à Sinfónica das Astúrias. Os momentos altos da temporada 18/19 incluem a estreia à frente das Sinfónicas de Detroit e Omaha, e da Filarmónica de Orlando, bem como concertos com as Sinfónicas de Houston e Carolina do Norte. Na Europa, Pablo Rus Broseta apresentou-se no Palau de les Arts, em Valência, e dirigiu a Orquestra Sinfónica da Rádio SWR e a Orquestra Sinfónica das Astúrias. Dos compromissos recentes destacam-se os concertos com a Orquestra de Valência, Sinfónica do Porto Casa da Música, Sinfónica da WDR de Colónia e a Kitchener Waterloo Symphony.

Foi Maestro Assistente e Maestro Associado da Sinfónica de Seattle, entre 2015 e 2019. Na temporada de 2018/19, dirigiu a mesma orquestra em numerosos concertos e programas, incluindo o Concerto para Violino de Bruch, com Itzhak Perlman; a Nona Sinfonia de Beethoven; e um festival dedicado a concertos de Brahms. Em 2017/18 dirigiu numa noite de gala com Renée Fleming; um concerto de beneficência com Macklemore & Ryan Lewis e Ciara; um festival de concertos de Prokofieff; um programa de música russa com a pianista Beatrice Rana; e o álbum *Unchanging Sea*, que resulta da colaboração entre o compositor Michael Gordon e o realizador Bill Morrison.

Em 2014, dirigiu uma apresentação conjunta da Sinfónica SWR e do Ensemble Modern no Festival Musica em Estrasburgo. Desde então,

apresenta-se com a Filarmónica de Buenos Aires, Sinfónica da BBC, Orquestra Sinfónica da Radio Televisión Española, Ensemble Modern e Orchestre Les Siècles. Apresentou-se em vários festivais, tais como Klangspuren Schwaz, Transart em Bolzano, Ensembles em Valência e Cresc... em Frankfurt. Trabalhou em proximidade com compositores como Wolfgang Rihm, Hans Zender, Johannes Maria Staud, Thomas Adès, Philippe Manoury, Magnus Lindberg, Martin Matalon, Francisco Coll e Luca Francesconi.

Pablo Rus Broseta estudou composição e saxofone no Conservatório da sua cidade natal, Valência, e direção em Lyon, no Conservatório de Amesterdão e na Universidade das Artes de Berlim. Recebeu as valiosas orientações de Bernard Haitink, Pierre Boulez, David Zinman, Kurt Masur e Steven Sloane. Foi Maestro Assistente da Orquestra Filarmónica de Liège (2009/10) e da Academia Nacional Holandesa de Ópera (2010). Em 2011, fundou a orquestra de câmara Grup Mixtour, em Espanha, que continua a dirigir e com a qual procura revitalizar a experiência do concerto através da programação de música de diferentes eras e com variadas estéticas.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Stefan Blunier** maestro associado

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. Ainda este ano, dá especial destaque às sinfonias de Beethoven e apresenta numerosas obras dos séculos XX e XXI nunca antes apresentadas em Portugal.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.



**Violino I**

James Dahlgren  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Tünde Hadadi  
Vladimir Grinman  
Maria Kagan  
Vadim Feldblioum  
Alan Guimarães

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Mariana Costa  
Pedro Rocha  
Domingos Lopes

**Viola**

Mateusz Stasto  
Anna Gonera  
Rute Azevedo  
Theo Ellegiers

**Violoncelo**

Nikolai Gimaltdinov  
Vicente Chuaqui  
Aaron Choi

**Contrabaixo**

Jorge Villar Paredes  
Altino Carvalho

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
Telma Mota\*

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz  
Hugo Carneiro

**Trompete**

Ivan Crespo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Nuno Simões

**Piano**

Jonathan Ayerst\*

**Sintetizador**

Luís Duarte\*

\*instrumentistas convidados





APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

